

## AUTOMUTILAÇÃO COMO "SINTOMA" DO EXCESSO E DA FALTA

Ana Paula Assumpção

Aracy Ernst

### (Re)cortando...

A reflexão aqui apresentada relaciona-se ao estudo que vimos realizando sobre o excesso e a falta no discurso sobre a automutilação. A motivação para estudar discursos relacionados a essa experiência traumática surgiu após a leitura da reportagem "Prática de mutilação entre adolescentes se dissemina na internet e preocupa pais e escolas", publicada em O Globo, no ano de 2014. Nessa reportagem, era exposta a inquietação das instituições escola e família, como o próprio título revela, e também de especialistas, frente ao problema relativo aos cortes provocados voluntariamente por jovens<sup>1</sup>.

As causas para a realização de tal ato normalmente são explicadas genericamente como uma tentativa de aliviar o sofrimento emocional através do sofrimento físico. Aventamos, neste estudo, a possibilidade de sua etiologia estar ligada também a fatores de ordem sócio-histórica. Para isso, traçamos como objetivo deste estudo descrever e interpretar, através da observação de enunciados presentes no *Facebook*, o discurso sobre o ato da automutilação que, inscrevendo e escrevendo no corpo e no dizer do sujeito a falta e o excesso, encontra-se submetido às condições sócio-históricas da contemporaneidade.

Primeiramente, é importante colocar que esse objeto do dizer, sob a perspectiva psicanalítica, pode ser interpretado como sintoma, na medida em que se constitui de um fenômeno subjetivo relativo à forma de expressão que assinala a presença de um conflito da ordem do inconsciente pulsional; em outras palavras, constitui-se numa forma de linguagem para o sujeito daquilo que ele não conseguiria dizer de outra maneira. É possível também pensarmos que se trata de um gesto sacrificial que permite ao sujeito se fundar, ou uma referência ao real para suprir a falta de referência no nível do simbólico, ou uma forma de reclamar para si uma identidade num tempo em que o excesso de referências produz a fragmentação das subjetividades, ou, ainda, um apelo desesperado ao laço social<sup>2</sup>, o que implica necessariamente o reconhecimento das condições sócio-históricas atuais. Uma dessas condições diz respeito à vasta gama de possibilidades de laços sociais relativizados, sem rigidez hierárquica, como os que vigem na contemporaneidade,

Este estudo sustenta-se no pressuposto de que a automutilação se inscreve por intermédio de uma linguagem baseada fundamentalmente na angústia, interpretada como interdição simbólica dos significantes que estruturam o sujeito. É essa interdição simbólica que opera um corte no sentido da existência devido à

---

<sup>1</sup> Alie-se a tal fato a observação dessa prática autolesiva em alunos de turmas em que Ana Paula Vieira de Andrade Assumpção, professora do Ensino Médio e dos anos finais do Ensino Fundamental, trabalhou.

<sup>2</sup> Para Fleig (2007, p. 58), "o sintoma é o organizador do laço social, que se manifesta no que se denomina ideologia".

impossibilidade de a angústia ser narrada pela falta de significantes que a expressem de forma adequada na “relação essencial da angústia com o desejo do Outro” (LACAN, 2005, p. 14). Assim, da falta dos significantes essenciais da cadeia estruturante do sujeito para a elaboração dos conflitos intrapsíquicos, produz-se irremediavelmente o transbordamento somático de ordem pulsional. Essa angústia diz respeito a um saber da ordem do desejo que, pelo silenciamento na estrutura simbólica, produz cortes na linguagem que vertem pulsionalmente para os cortes físicos.

### **Falta, excesso e sintoma em Psicanálise**

Para a Psicanálise, como aborda Elia (2004), o sujeito é pensado como um ser social. Diz o autor, “o ser humano entra em uma ordem que é social, e cuja unidade celular e básica, que se organiza como a porta de entrada nessa ordem, se chama *família*” (ELIA, 2004, p. 38, grifo do autor) e, depois, por seus substitutos sociais e jurídicos. Portanto, para o sujeito se constituir como tal e entrar em uma ordem social, a presença do outro é fundamental. Isso quer dizer que nascemos com necessidades e precisamos de cuidados especiais. Sem a ordem familiar e social, o sujeito morreria. Elia explica que, para Lacan, o grande Outro não é apenas uma pessoa física próxima, mas uma ordem que introduz um conjunto de marcas materiais e simbólicas que constituirão o sujeito. Mais ainda, o autor alerta que, para o bebê, o momento de cuidados do outro (no caso, cuidados da mãe, mesmo não sendo a genitora) é um mito na constituição do sujeito que deixará marcas como uma herança a ser retomada e ressignificada.

Elia (2004, p. 48) elucida que

... a falta fundadora do sujeito não se produz por si mesma, ou por algum processo natural, e tampouco cultural (...) mas requer o ato constituinte do sujeito para se fazer como falta. Trata-se de uma condição que comporta algo de paradoxal: a falta é fundante do sujeito, mas, em contrapartida, requer o ato do sujeito para se fundar como falta.

Para Seraphim (2015), o que nos torna sujeitos é o assassinato de nossa condição puramente biológica, isto significa dizer que é só pela falta que nos constituímos como sujeitos. Desde o nascimento, a falta é inerente ao sujeito. Segundo a autora, na era moderna, as identificações tinham seus representantes: o estado, a igreja, a família, as grandes narrativas etc. Com isso, havia uma regulação dos desejos. Na época atual, as modificações, ocorridas em sociedade, ocasionam uma mudança na forma de operar o sujeito, fazendo-o se fixar aos objetos do desejo sem passar pelo simbólico e, por esse motivo, liga-se ao excesso pulsional. Conforme Birman (2007), o excesso busca, no corpo uma via direta para descarga, provocando o transbordamento que não se reconhece mais nos seus referenciais identificatórios.

Em concordância com a autora, Safatle (2008) afirma que hoje o verdadeiro discurso, que sustenta os vínculos socioculturais, é a incitação e a administração do gozo (o excesso). O sujeito precisa gozar, só que um gozo fortemente pressionado pelo supereu. O que Vladimir Safatle quer dizer é que atualmente temos uma “*sociedade da insatisfação administrada*” (2008, p. 133), na qual os vínculos com os objetos, incluindo os vínculos com a imagem de si, são frágeis. Em contrapartida, essa mesma sociedade é capaz

de alimentar-se dessa fragilidade, ou seja, os sujeitos não se identificam mais com tipos ideais construídos a partir de identidades fixas e determinadas. Eles são, na verdade, levados a sustentar identificações que afirmam sua distância com aquilo que está representando ou com suas ações. Por causa da incapacidade de sustentar escolhas de objeto, é que eclodem sintomas.

Na Psicanálise, o sintoma é compreendido como uma formação do inconsciente. Para Freud (*apud* MACHADO, 2004, p. 2), a teoria do sintoma é concebida, na dimensão do simbólico, como efeito de um recalque, pois o “sintoma funcionaria como um substituto da satisfação pulsional”. Já Lacan (p. 2), na dimensão do real, vai postular que o sintoma é um meio de gozo do sujeito. Nesse caso, “o sintoma seria uma conexão real entre o significante e o corpo, donde a parte significante seria passível de interpretação, enquanto o gozo que se liga ao corpo exigiria mais que a produção de sentido”. Em suma, entendendo que a automutilação é uma tentativa de substituir o sofrimento psicológico pelo sofrimento físico, em que o corte ganha a dimensão de gozo, podemos dizer que o sintoma da automutilação pode ser compreendido, na esteira de Lacan, como uma maneira de gozar.

Pensando, pois, o sujeito atravessado pela ideologia e pelo inconsciente, faz-se necessário entender que determinadas processos psíquicos são afetados por condições sócio-históricas que, por sua vez, afetam a constituição das subjetividades, produzindo atentados contra o próprio corpo e nele inscrevendo literalmente um discurso de sofrimento e gozo. Os enunciados, referentes à inscrição impiedosa e dolorosamente literal no corpo através da automutilação, nesse caso, dos que se cortam, possuem pistas indicativas do movimento exacerbado de um sofrimento real que cria a “necessidade” de um encontro com o Real através de uma configuração corpórea diferenciada, reflexo da impossibilidade de estruturação da cadeia significante, conforme já falado.

### **Falta, excesso em Ernst (2009)**

Necessário se torna dizer, de início, que não é apropriado interpretar esses dois conceitos<sup>3</sup> numa acepção técnica de análise. Isso seria desconsiderar as questões de pesquisa e as condições de produção, pressupondo uma intercambialidade entre a construção dos procedimentos analíticos e o objeto submetido à observação. Trata-se, pois, de referências gerais que servem para encaminhar à reflexão acerca do *corpus* a ser analisado, podendo estabelecer os primeiros movimentos operatórios de observação, e possivelmente, de organização dos enunciados que o constituem. Na esteira do que diz a autora, caracterizamos a falta como a omissão de elementos intra ou interdiscursivos. Diz ela (ERNST, 2009, p. 2):

... no primeiro caso, ela se constitui num lugar em que são criadas zonas de obscuridade e incompletude na cadeia significante com fins ideológicos determinados; no segundo, cria um vazio que visa, na maioria das vezes, encobrir pressupostos ideológicos ameaçadores.

---

<sup>3</sup> Além desses dois conceitos, a autora trabalha com outro, o de estranhamento, não desenvolvido nesta reflexão.



Quanto à noção de excesso, diz-nos que, no nível intradiscursivo, constitui-se de "um 'acréscimo necessário' ao sujeito que visa garantir a estabilização de determinados efeitos de sentido em vista da iminência (e perigo) de outros a esses se sobreporem" (2009, p. 4); e, no nível interdiscursivo, a reiteração de determinados saberes que se con-formam diferentemente na materialidade significativa, porém mantêm os mesmos pressupostos ideológicos. Assim, de um lado, temos, psicanaliticamente, a automutilação podendo ser interpretada, dentre outros fatores já citados, como a falta do estabelecimento de laços sociais sólidos pelo excesso de referências que atingem a constituição das subjetividades contemporâneas; e, de outro, temos um ponto de vista discursivo, cuja perspectiva conceptual centraliza-se no funcionamento discursivo, aí implicado o tipo de laços sociais contemporâneos.

### Um exercício analítico

Com base nos pressupostos desenvolvidos, trazemos, para este trabalho, uma sequência discursiva de referência (SDR), recortada de uma da fala da página do *Facebook: Auto-Mutilação The end*, lembrando que o propósito teórico-analítico é buscar indícios, através observação da configuração em que apresentam as "estratégias" da falta e do excesso em sua acepção discursiva, da subjetividade de adolescentes que se automutilam, processo derivado da falta e do excesso em sua acepção psicanalítica, conforme apresentado anteriormente.

#### SDR

*Gente olhem o texto que eu fiz...passei por isso e quero compartilhar com vcs. Espero que gostem... Você pensou que tudo ia passar né? Pensou que estava ficando tudo bem. E as coisas só pioraram, fizeram você chorar na frente de uma sala de aula inteira, mesmo que ninguém tenha prestado atenção. Fez você ir ao banheiro e novamente você desabou com a sua melhor amiga... Bom, não que ela seja sua melhor amiga. Mas ela está ali sempre que você precisa, ela te consola, te alivia... É você passou ela novamente em seus braços, você se cortou. Talvez não fosse necessário... Não totalmente. Mas você não conseguiu controlar, e fez. Sentiu novamente aquele alívio de ver o sangue escorrendo pelo teu braço, talvez seja bom sentir aquilo arder como fogo, fazer você se sentir melhor... Talvez não da maneira correta, mas aquilo dava certo... Mesmo sabendo que aquela maneira estava errada, aquilo ali te aliviou.*

*(...) Algo que te confortasse e te aliviasse. Algo que não fosse uma lâmina.*

De imediato, o que observamos, na SDR, em termos enunciativos, é o gesto fático do sujeito-enunciador, incitando a participação no regime de coenunciação proposto aos integrantes da comunidade e, conseqüentemente, no estabelecimento de algum tipo de laço social. É possível, inclusive, que o uso reiterado (o excesso) do pronome "você" esteja envolvido nesse processo, na medida em que, no plano das formações imaginárias, aqueles que participam da comunidade vivenciam igualmente a experiência desse sofrimento. Mas somos levadas a acreditar que, embora isso subjaza ao discurso, de alguma forma, dá lugar a uma narrativa, ou melhor, a um "discurso de si" que possui mecanismos específicos que gravitam entre dois polos, melhor dizendo, entre duas posições-sujeito: uma ligada à injunção social de

autopreservação do corpo e outra ligada ao desejo do sujeito de caráter pulsional que ameaça seu corpo. Destacamos aqui, portanto, alguns modos de dizer que constituem algumas pistas discursivas aí presentes:

1) uso quase exclusivo da 2ª pessoa ao invés da esperada 1ª pessoa pelo sujeito-enunciador (a falta). A estratégia empregada é falar de si como se fosse um outro num processo de substituição, em que a instância do "eu" é permutada pelo "você", produzindo um efeito de simulação que permite ao sujeito não assumir (pelo menos, não totalmente) uma "tomada de posição" e, com ela, a responsabilidade e liberdade consequentes, mas atribuí-las também aos outros membros da comunidade;

2) processo de personificação, interpretado como um excesso no nível da materialidade significante que, derivando do âmbito dos afetos, atribui ao instrumento cortante (a lâmina), características humanas, num modo de dizer de exacerbação ou intensificação de sentimentos e/ou emoções. A humanização da lâmina, nesse caso específico, apresenta um processo de psicopatologização que pode ser interpretado como uma tentativa extremada de estabelecimento de laço social. Em termos discursivos, presenciamos o emprego da metaforização – lâmina por amiga – num deslizamento de sentido que provoca a mudança de uma posição-sujeito ligada a uma formação discursiva em que a amizade, como laço social é benéfica ao sujeito, contraposta a outra ligada ao non-sens, à pulsão;

3) emprego de termos indeterminados (gente, isso, tudo, coisas, ninguém, aquilo e algo). Aqui o uso reiterado de termos indeterminados (excesso) cria um efeito de reconhecimento de sua referência entre os pares por participarem da mesma formação discursiva cuja constituição é de natureza pulsional. Todavia, se considerarmos apenas o nível linguístico ou gramatical, não teríamos como ascender a essa dimensão interpretativa. Faz-se necessário percorrer um viés discursivo, reportando-nos às condições de produção e a essa formação discursiva em que a materialidade se inscreve, qual seja aquela relacionada ao desejo do sujeito.

4) utilização reiterada de estruturas enunciativas (excesso) em que se opera a contradição que faz oscilar posições-sujeito. Partindo da análise intradiscursiva, são reveladas pistas discursivas que põem em circulação enunciados contraditórios recorrentes, vacilantes, que marcam duas posições-sujeito (PS). No enunciado a) “novamente você desabou com a sua melhor amiga... Bom, não que ela seja sua melhor amiga”, temos a divisão no discurso do sujeito: PS1 – o saber correlacionado com o sintoma da automutilação, a lâmina como amiga; e, portanto, o enunciado encontra-se ligado ao desejo do sujeito de caráter pulsional; PS2 – o saber correlacionado ao senso comum de que instrumentos que machucam não podem ser considerados amigos, contrapondo-se ao saber de PS1; nesse caso, o enunciado encontra-se ligado à injunção social de autopreservação do corpo. Já no enunciado “Mas ela está ali sempre que você precisa, ela te consola, te alivia...”, o operador “mas” aponta para o caminho inverso, para a contradição à PS2, de modo que, outra vez, estabelece-se, no discurso, a identificação com PS1.

5) uso de um processo de similitude fonético-lexical ou sintático-semântica entre um termo, expressão ou enunciado efetivamente produzidos com outros esperados, mas não linearizados, como é o

caso de “e você desabou com a sua melhor amiga...” (por você “desabafou” com a sua melhor amiga) e “E você passou por ela em seus braços (por você “cortou” os seus braços) novamente ...”.

Essas considerações de cunho analítico em que foram observados enunciados no espaço virtual do *Facebook* apontam para um discurso atravessado pela angústia e pelo sofrimento, apresentando significantes que se repetem ou faltam na materialidade discursiva.

### Efeitos de conclusão

Na contemporaneidade, o mote é: goze sem limites! Logo, pela falta de uma falta simbólica, emerge um gozo excessivo, um sujeito do excesso que se discursiviza singularmente. Essa singularidade diz respeito à forma como os sentidos são produzidos na materialidade significativa, instaurando, no corpo da falta e do excesso, a denúncia de um sujeito angustiado e sofredor. Emerge, pois, como sintoma do laço social contemporâneo que produz seus efeitos no discurso do sujeito. Dessa maneira, o sujeito rompe a pele para romper o silêncio, com isso, o corpo fala e significa.

### REFERÊNCIAS

- BIRMANN, Joel. O sujeito desejante na contemporaneidade. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M.C.L. *Análise do discurso no Brasil*. Mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007.
- CARNEVALE, Ana Maria. Arquivo e corpo falante. In: MARIANI, Bethania; MEDEIROS, Vanise; DELA-SILVA, Silmara (org.). *Discurso, arquivo e...* Rio de Janeiro: 7 letras, 2011.
- DUFOUR, Dany-Robert. *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.
- ELIA, Luciano. *O conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- ERNST, A. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo. *Anais do IV Seminário de Estudos em Análise de Discurso*. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- FLEIG, Mario. Discurso e sintoma: a incidência das ideologias. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Análise do discurso no Brasil*. Mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007.
- LACAN, Jacques. *O seminário, Livro 10: a angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- MACHADO, Ondina Maria Rodrigues. Trauma e sintoma na contemporaneidade. *Anais do Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e VII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental*, promovido pela Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, PUC-RIO, 2004. Disponível em: [http://ebp.org.br/wp-content/uploads/2012/08/Ondina\\_Machado\\_Trauma\\_e\\_sintoma\\_na\\_contemporaneidade1.pdf](http://ebp.org.br/wp-content/uploads/2012/08/Ondina_Machado_Trauma_e_sintoma_na_contemporaneidade1.pdf). Acesso em: 20 jan. 2016.
- NASCIMENTO, Luis Vinicius do; FAVERET, Bianca Maria Sanches. Corpo e anorexia, contribuições da psicanálise e da cultura. *Psicanálise & Barroco em Revista*, v.7, n. 1, p. 45-62, 2009.
- SAFATLE, Vladimir. *Cinismo e falência crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- SERAPHIM, Robinéia da Costa. *O sujeito entre o desejo e o excesso: a escrita de si por adolescentes em aulas de arte*. Campinas: Mercado de Letras, 2015.